

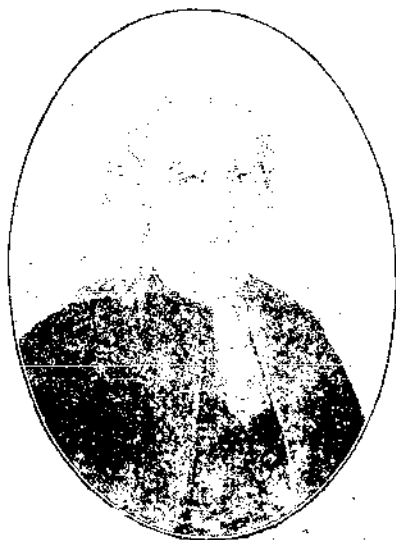


REVISTA MENSAL

de

Sciencias, Lettras,

Artes e Variedades



Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Caceres

4. Governador e Capitão-General de
Matto-Grosso.

OOOOO Guiabá -- Fevereiro -- 1913 OOOOO

Revista Matto-Grosso

PUBLICAÇÃO MENSAL

DE

SCIENCIAS, LETTREAS, ARTES E VARIEDADES

CUIABÁ - FEVEREIRO - 1913

Memento, homo!



A um fervillar de mystérios nesse pulvisculo de fria cinza, com que o sacerdote, no vestibulo da quarresma, corôa solenne e indistinctamente a

tua fronte, oh! homem!

Como o poeta, a rastejar através de phantastica evolução, a historia de um atomo de ferro,

que de uma gente á borda,

Viu-se á primeira vez em forma acremelhada

De orydo, a colorir-lhe o verde limo á entrada,

estudemos e interroguemos tambem, e com mais razão e proveito, estes granulos de cinza. Que eloquencia na sua expressão de miséria e de nada!

Sabes donde vem ella? Das palmas triumphaes do Domingo de Ramos. E' prescripção symbolica da liturgia, para significar-te, oh! homem, a que se reduzem essas palmas e glórias mundanas, por que tanto mourejas.

Escuta: dizem que nas plagas maldictas do Mar Morto, medram

avelludados pomos, encaato do viajar inexperto, que ávido, corre a elles em meio áquella safara immensa. Ao apertal-os, porém, entre os dedos, sente pulverizarem-se em uma pouca de cinza hedionda e asquerosa. Tremenda imagem das tuas vaidades terrenas!

Lembre-te, pois, oh! homem, esta cinza ritual, onde vão parar as riquezas, as volupias e as honras, a fim de que, menos illudido que aquelle que cantára:

Oh! en quæra viver, beber perfumes

No fôr silvestre que embalsama os ares;

Vão vultas almejar pelo infinito,

Quasi lacrimæ roris na amplitude dos vales;

não hajias um dia de repetir com elle, transido de infinita melancholia:

Moedi na fencho pedre de Asphaltite!

Memento, homo!

Não só, porém, o que tens e podes ter, mas tambem o que és e podes ser, oh! homem, outra coisa não é que pó.

Esta cinza hieratica evoca hoje a formidavel pagina genesiaca, em que Moysés, prophetando no chaos

do passado, mais tenebroso que a noite do futuro. ouvira e archivára as primeiras maldições proferidas pela bocca eterna de Jehovah: *Pulvis es et in pulverem reverteris*—ós pó e em pó te has de tornar. fulminou Elle contra o homem rebelde.

Desde então o anathema primévo, verdadeiro turbilhão ou tempestade da colera divina, consoante a phrase arrebatadora de Jeremias, varre os seculos dissipando, á guiza de poeira, a humanidade, as suas dynastias e monumentos.

Responde-me agora, oh! homem: donde vieste? Do pó—*de limo terrae*. Que és tu hoje? Pó—*pulvis es*. Para onde irás amanhã? Para o pó—*in pulverem reverteris*.

Que miseravel então não és tu, decantado microcosmo, primor da criação, feito para reinar sobre os peixes do mar, as aves do céu, as alimnarias e os reptis da terra! Do que te orgulhas, terra e cinza? Este pugillo de cinza resume a tua historia.

Memento, homo!

*
* *

Que, pois, te resta, oh! homem? O desespero, a morte, o nada? Oh! não!

*A horrenda sepultura
Contêr não pode a luz brilhante e pura,
Que, soberana, rege o corpi inertel*

E's limo da terra, mas nesse limo Deus bafejou um espirito de vida—*spiraculum vitae*.

E's lama em que palpita uma alma, és um nada em que rebrilha algo do infinito.

Quanto mais destruires o lodo da tua carne, mais viverá o teu espirito;

quanto mais aniquilares a crosta grosseira das paixões e baixos sentimentos, mais resplandecerá em tua frente a inspiração da divindade.

Macera, pois, reduz, por assim dizer, a esta cinza symbolica o teu coração carnal *cor contritum quasi cinis*, como cantou o piedoso lyrico do *Dies irae*, e embora sejas pó e cinza, subirás nas azas da esperança e do amor, até confabulares com o proprio Deus—*loquar ad Dominum meum, cum sim pulvis et cinis*.

Prepara-te com o miserere da penitencia para as alleluias pascoaes da resurreição.

Saja embora a tua vida, oh! homem, uma longa quaresma, que importa?

Aguardam-te paschoas immortaes.

Memento, homo!

União, 4 de Fevereiro de 1913.

P. AQUINO CORRÊA.

OS MEDICOS DE MILÃO E AS IRMÃS DE CARIDADE

O *Areneire sanitario*, organo dos medicos de Milão, sobre as irmas de caridade nos hospitales, publicou o seguinte:

«Dibntado acto do governo Francez, que se chamou perseguição jacobina ou sectaria, sentimos o dever de manifestar sinceramente a nossa opinião: cremos que nos hospitales, nas casas do saúde, onde é necessaria a assistencia devota, affectuosa, sorridente e suave, que só a fé pode inspirar o sustentar, a irma de caridade é absolutamente insuperavel.

O serviço que as irmas prestam como enfermeiras parece-nos a nós tão precioso que cuidamos ser nosso dever tributar-lhes a homenagem de nossa estima de medicos e a nossa saudação de admiradores.

1914 *Palavra*, de Belém Pará.



Parnaso mattogrossense



Em commemoração ao 1.º anniversario
da proclamação da Republica
dos Estados Unidos do
Brazil.

SONETO

*Só tem vida, esta vida é liberdade,
Quando a sombra se alenta de teus louros;
Não ha gozos sem ti, não ha thesouros,
Não ha prazeres, nem felicidade!*

*Luz propicia nas trevas da orphanidade
Que receia terríveis sorvedouros,
Tá desfizes suspeitas e os agouros,
Que soem contristar a humanidade*

*Rico sonho d'um povo que se agita,
Sacudindo o atroz jugo da oppressão,
Sentimento que tanto o nobilita!*

*E's emfim, Liberdade, essa oblação
Que no altar do dever só deposita
Quem nutre valoroso coração!*

Cuyabá, 15 de Novembro de 1890.

JOSÉ DELFINO DA SILVA.

A S. Francisco de Sales

Fares distillans tabula tua...
SALOMÃO.

*Foste uma ubetha celeste,
Que a trocar em doces faros
Da cruz os averbos tracos
Ao mundo ensinar viesse.*

*E que condão não é este
Com que a nós, da dor escravos,
Tornas mellifluous os cravos
E até o negro cypreste!*

*A cruz... é a flor da Calvário;
É esse Hymetha extraordinário
Perce-te um mel, que é panacéia:*

*Foi o amor - essa infinita
Chamma que em teu sêr palpita -
Oh! cantor da Philothéa!*

Calabá, 29.1.1918

AQUINO CORRÊA

NO EGYPTO

I

*Nam sueda sussurrar, manso e tenaz uilla,
Tudo envolverdo num lençol de bruma,
Por entre véus de esbranquiçada espuma
Tal como o Strudicarius, canta o Nilo.*

*Abrosas, teres, meigas e redonditas,
Num excesso de calma e de dormência,
Na praia vêm morrer com indolência,
Desfazendo-se em beijos nill, as ondas.*

*Sopra um vento de gelo. O céu aberto
Treme-luz todo como um calafrio,
E na amplitude silente do deserto,*

*Enorme, a Sphynge, tristemente bella,
Contra os olhares lucidas da estrella
Toca, impassível, seu olhar sombrio...*

II

*Ea sou como essa Sphynge solitária
Que em meio do deserto se levanta,
E nas constellações de luz tão varia
Os olhos crava, sob um céu que encanta.*

*Porém não é tanta belleza, tanta
Nas estrellas de luz tão doce e varia
Nem aos auridos seus the chegou a aria
Que bem longe, em sua alma, o Nilo canta...*

*Vendo a tua grandeza, oh Deus eterno,
Sem poder no entrelante, comprehendê-la,
Eu sou como essa Sphynge solitária,*

*Que, inanimada, olhar sombrio e terno,
Troca—a brilhar assim, de luz tão varia.—
Contra os olhares calidos da estrella!*

Chilabá—912

LAMARTINE F. MENDES

A UM SABIÁ

*Plumeo sabiá que vive enclausurado,
Soltando sem cessar fúidos queixumes,
Chorando triste os candiâo perfumes
De prazenteiro bosque ou de vallado!...*

*Onde foram prazeres d'almo prado...
Sorrisos... liberdade... céus e lumes?...
Trocou-se tudo em horridos negrumes,
Que hoje formam o teu negro fado!*

*Oh! como tu, também, meu passarinho,
Minh'alma vae vivendo enclausurada,
Da crua sorte entregue ao torvetinho!*

*Cantando como tu, funda ballada,
Por minhas dôres letricas definho,..
Nesta mundana vida torturada!..*

Aquidauana, 28 de Janeiro de 1913.

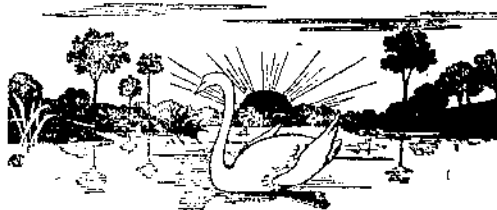
JOÃO NUNES DA CUNHA.

NOTA

Parnaso mattogrossense.— Avida sempre de contribuir, segundo suas posses, para o engrandecimento deste torrão abençoado, destina a nossa Revista esta secção a registar produções poeticas de auctores patrios, as quaes primem pela nobreza da inspiração e dos sentimentos, maxime si bafejadas pelos ideaes suaves de Deus e Patria.

Ingamos, pois, aos nossos amáveis leitores, zelosos das patrias lettras, queiram enciar-nos os trabalhos que porventura conservem de nossos finados poetas, e estimular os juvenis estreitantes a se inspirarem naquelles sublimes themas, eternos mananciaes de poesia e canticos para toda alma bem talhada.

A REDACÇÃO.



Contraveneno religioso

CARTA TERCEIRA

A INDIFFERENÇA RELIGIOSA

*Importancia do problema religioso.—A indiferença religiosa é indigna do homem—E' injuriosa a Deus—E' atrevida.—Todas as religiões serão boas?—Braz Pascal—Arago —Leão Tolstoi—
Jayme Balmes.—Corollarios.—*

SAUDOSO CARLOS,
(Conclusão)

Dirás talvez que existem religiões mui parecidas com a catholica, como por exemplo, a dos Puseistas.

Puseista ou catholico é mesmo
E' quasi a mesma cousa.
Isso é verdade, como o é e se cousa
Igualar a moeda falsa á boa.
Mas o ponto está aqui, todo o *business*
Está somente nisto: que uma é boa
E outra é cousa atôa,
Que apenas falsos brilhos tem e lança.
Quem tem boa moeda tudo alcança;
Emvez a falsa, embora o mundo engane,
De nada enfim, lhe vale;
Pois, sem custo e sem muita alteração,
O leva directinho p'ra prisão.

*
* *

Prosigamos. O insulto que estes fazem á razão, é ainda pouco em relação á offensa que fazem a Deus. Uma das duas: ou acreditam que Deus mesmo seja indiferente a respeito do culto que o homem lhe presta; ou julgam que, embora Deus não seja indiferente neste assumpto, possa o homem sel-o.

Poderão dizer que Deus também seja indiferente? Mas, que ideia então é essa que fazem de Deus, que possa apreciar da mesma forma a verdade e o erro, o sim e o não, o bem e o mal? — Um principe que não se importasse de ser pelos seus

subditos amado ou odiado, honrado ou desprezado, obedecido ou desrespeitado, poder-se-ia acaso chamar principe bom e não antes semelhante aquelle rei que, em uma das fabulas de Esopo, Jupiter mandára ás rans? Este Deus, tal como pensam, teria bem pouco criterio. Tudo lhe serviria. Agradar-lhe-ia o europeu que se prostra aos pés da cruz, tanto quanto o egypcio que adora o crocodilo. Aceitaria, com o mesmo sorriso, a hostia pacifica do sacerdote catholico e o sangrento sacrificio do hottentote que lhe offerece as carnes assadas do proprio irmão. Dize-me: agrada-te um Deus desta especie?

Prevalece, portanto, a outra hypothesis, que possa o homem ser indiferente e não Deus, no tocante ao culto que ao Ser Supremo devemos tributar. Mas então, conforme elles, embora se saiba que Deus não pôde acceitar, da mesma maneira, cultos contrarios entre si; na pratica não lhes importa offerecer ao mesmo Deus actos que podem ser a Elle acceitos ou despreziveis, agradaveis ou não; tanto lhes vale invocá-lo como blasphemá-lo. Merecem-lhe egual consideração o Talmud e a Biblia, o Alcorão e o Evangelho, a doutrina de Christo e a de Lutero ou dum outro qualquer cerebro desequilibrado. Tudo isto está pa-

ra elles no mesmo nível e na pratica dizem a Deus que Elle ou um outro ser qualquer é substancialmente o mesmo. Não será isto collocar outra vez Jesus em paralelo com Barrabaz?

E não só se compara novamente Christo com Barrabaz, porém é Elle posposto, crucificado, e, com Elle, banido, também, todo culto e religião; quero dizer que o indifferentismo resolve-se em absoluto atheismo. Quem julga que todas as religiões são boas, não pôde considerar nenhuma dellas como divina; e quem as considera como instituições humanas, da indiferença de seguir uma ou outra, passará á indiferença de seguir uma ou nenh uma, ficando sem religião alguma.

Estes homens que zombam assim da religião e de Deus, são os scepticos, os atheus, seres que apenas vegetam na terra, sem se lembrarem do Céu.

Qual será a opinião do meu Carlos?

Chegamos a um ponto, em que se accrescenta ao ridiculo absurdo e detestavel impiedade, uma temeraria audacia.

Comprehendo que se possa conservar a indiferença naquellas cousas que não acarretam graves consequências; mas nunca é admissivel em questões momentosas, taes como a da vida e da morte.

Perniciosas são todas as opiniões erroneas em materia religiosa, porque, como te expuz atraz, no começo desta, é pelas nossas crenças e convicções que as nossas acções ficam determinadas. Quem não comprehende, pois, que o deísta, que acredita no fatalismo, deva ter disposições bem diversas das do christão que crê na Providencia?

E o christão que acredita haver sido creado por Deus á sua imagem

e semelhança e remido pelo preciosissimo Sangue redemptor, viverá da mesma fôrma que o evolucionista que vê no homem somente um descendente de macacos, um mono aperfeiçoado?

E quem tem fé na vida futura, comportar-se-á como o incredulo que não espera nada além desta? Si não ha Deus, nem providencia, nem vida futura, os meus cuidados devem concentrar-se na vida presente. Si, porém, ha no Céu um Juiz que, ao desprender-me deste mundo, dar-me-á o premio ou o castigo á medida dos meus meritos ou demeritos, devo, então, muito me occupar dos destinos futuros de minha alma.

Pois, como poderá permanecer indifferente quem quer que seja, neste ponto de capital importancia? Seria como o piloto que, navegando em mares borrascosos semeados de rochedos, estivesse de braços cruzados na pópa do navio, fumando tranquillamente seu cachimbo, sem se importar com o vento que sopra rijamente.

Mas, dir-me-ás: Não poderá ser que não seja verdadeira a existencia dum Juiz Supremo, pelo facto de esses incredulos não o quererem admitir?

Quem sabe si o precipicio que se abre deante delles, não se torne, menos terrível, porque vendam os olhos para o não verem? Oh! não, por certo! pois apesar disso, eis aqui as lucubrações interiores que concebem elles, conforme Braz Paschal:

«Não sei quem eu seja, nem conheço o meu principio. Tenho um fim para alcançar, ou sou o producto do acaso? Perecerei inteiramente com a morte, ou deverei então começar uma segunda existencia?

Ah! nada disso eu sei. Sei que quan-

to antes terei de morrer; mas, como não conheço o meu principio, também ignoro o meu fim. Sei somente que, deixando esta vida, cairei para sempre ou no nada ou nas mãos dum Deus indignado. De tudo isso, portanto concluo que devo viver alegremente neste mundo, sem ter cuidado daquillo que um dia poderá acontecer-me, e lançar-me céga e livremente aos prazeres».

Carlos, não é uma gloria para a religião contar com taes inimigos?

Sem duvida no numero destes figurou Arago que, no XIX seculo fez pasmar a Europa pelos seus conhecimentos astronomicos.

Tinha o curso dos astros estudado,
Os gyros dos planetas descobrindo
Em torno ao sol, que havia-lhe, sorrindo,
Os segredos do céu manifestado.

Não via, porém, a mão que derramado
Tinha as estrellas nesse campo infinito!
E ora, quasi a morrer, a voz ouvindo
D'Essa que manda e que dirige o fado;

«Não creio em contos, respondem, de fada!
Deixae-me ir com os olhos bem fechados
Ao mar da eternidade ou para o nada.»

Homem! que te alevantas com a mente,
Sem da fé os conselhos acertados,
Lembra-te: Deus é sempre omnipotente.

*
* *

Ha, porém, quem duvida, e com razão, da cynica indiferença de que ás vezes fazem alarde esses taes.

Escuta, a proposito, como fala o celeberrimo russo Leão Tolstoi, tão preconizado nestes ultimos annos, pelo seu genio e illustração:---

«Quem sou eu, lançado no meio do mundo? onde procurarei a resposta? entre os homens talvez? Estes não me sabem responder; zombam desta objecção e nem querem ouvir falar sobre isto, dizendo: *são ineptias, não penses nisso, procura somente divertir-te.* Mas, não conseguirão enganar-

me; sei muito bem que não acreditam naquillo que dizem. Como eu, também elles se perturbam e entristecem na presença da morte, de si mesmos, de ti, ó Deus, que não querem nomear.»

E Balmes já havia deixado impresso na primeira pagina de suas cartas a um sceptico:—

«O homem só está contente e satisfeito do scepticismo religioso, enquanto se julga feliz e cheio de vida e vigor; enquanto olha como cousa longinqua o seu ultimo instante... logo, porém, que a existencia está ameaçada, já o scepticismo não satisfaz mais. Na sua mortal fraqueza, o sceptico procura a luz e não a encontra, quer abraçar a fé, mas esta lhe foge; invoca a Deus, e Deus não ouve aquellas invocações tardias (si não forem sinceras e humildes)... Mesmo, porém, no correr de sua existencia, o sceptico sente mil vezes inocular-se-lhe nalmã, gotta a gotta, o veneno da vibora que aqueceu no seio. Ha momentos em que os prazeres enfadam, o mundo incommoda e a vida, tornada espinhosa, vae-se como que arrastando lentamente. Profunda tristeza acabrunha a alma, afflicta por indescriptivel máu estar, como por tormento cruciante e cruel... Não experimentaste, ás vezes, querido leitor, esta ancia propria dos felizes do seculo, esta roedora traça que se aninha em espiritos que se dizem superiores? Sabei que uma das causas funestas que levam o homem a este ponto, é o scepticismo, esse vacuo que agita e atormenta o coração, aquella terrivel falta de toda a fé e esperança, aquella incerteza acerca de Deus, da natureza e da origem e fim do homem. A pobre humanidade tem por unico refugio a fé. Lance-se quem quizer no meio das ondas, eu nunca abandonarei esta terra

bemdicta, onde me collocou a Divina Providencia.»

* *

Do sobredicto seguem-se tres collarios.

Primeiro. Si a verdadeira religião é uma só, é claro que não posso ter a liberdade de religião, ou, em outras palavras, não está ao meu arbitrio formar ou escolher uma crença qualquer. Devo procurar, com toda a diligencia, a verdadeira religião pelos caracteres da verdade, que leve o signal do dedo do Creador visivelmente estampado em si. Nada me resta fazer senão baixar a cabeça, crêr e obedecer. Si não proceder assim, não sou um ser logico, porque não uso, mas sim abuso da minha razão.

Segundo. Si a verdadeira religião deve ser uma só, forçoso é, que seja exclusiva e intolerante. Um erro pôde aturar e até apoiar outro erro; a verdade, porém, não pôde admittir erro nenhum. E' impossivel imaginar um legislador divino, que, depois de ter formado um código admiravel e havel-o solennemente promulgado, acabe dizendo aos subditos: «Sois livres de observar este ou outro qualquer que quizerdes».

Terceiro. Si a verdadeira religião é uma só, e esta é a catholica (como se comprova com argumentos peremptorios e especiaes), para ella só, e não para outras, devem-se dirigir as nossas vistas e sympathias. Pelo contrario, aquellos, de quem falamos, não somente não têm sympathia para com a religião catholica, mas nem a encaram com a indifferença que exige a sua profissão. Chamam-se indifferentes, mas na pratica demonstram apreço e carinho para com os anglicanos, evangelicos, maçons e, em geral, todos os heterodoxos; e para com os verdadeiros catholicos, o

Papa, Bispos e clericaes — perseguições, injustiças e calumnias de toda a especie. E' esta a historia de todos os dias e muitos dos companheiros teus.

Espero, porém, que nunca haverá de ser a do meu Carlos.

(Continúa)

Oração de Chateaubriand

Descrevendo a sua viagem pela Itália, diz Chateaubriand:

«De-cendo da Villa d'Este, passei o Teverone pela ponte de Lajens, para entrar em Tivoli, pela porta Sabina. Atravessando o bosque das velhas oliveiras, descobri uma pequena capella branca, dedicada à *Madonna Zantibanca*, e edificada sobre as ruínas da Villa de Varus.

Era domingo; a porta da capella estava aberta, entrei; vi tres altares pequenos dispostos em forma de cruz; sobre o do meio se elevava um grande crucifixo de prata, diante do qual ardia uma lampada suspensa na abobada. Um só homem, que tinha semblante de muito infeliz, estava prostrado junto de um banco; orava com tanto fervor, que não levantou para mim os olhos, ao ruido dos meus passos. Senti, o que mil vezes tenho experimentado, entrando em uma Igreja, isto é, um certo apaziguamento das perturbacões do coração, e um não sei que de desgosto da terra. Ajoelhei-me a alguma distancia deste homem, e inspirado pelo lugar, não pude deixar de pronunciar esta oração:

«Deus do viajante, que quizestes, que o peregrino vos adoras-se neste humilde asylo, edificado sobre as ruínas do palacio de um grande da Terra; mãe do dor, que tendes estabelecido o vosso culto de misericórdia na ermidã deste romano infeliz muito longe de seu paiz nos bosques da Germania; não estamos aqui senão dois fiéis prostrados ao pé de vosso altar solitario. Concedei a este desconhecido, que parece tão profundamente humilhado diante de vossas grandezas, tudo o que vos pede; fazei que as orações deste homem, sirvão tambem a curar as minhas enfermidades, para que estes dois christãos, que são desconhecidos um do outro, e não se encontraram senão um instante na vida, e que vão apartar-se para não se tornar mais a vêr neste mundo, fiquem attonitos, encontrando-se ao pé do vosso throno, de se deverem mutuamente, uma parte da sua felicidade, pelos milagres da caridade!...» *Rev. Lisbonense.*

Estava o nosso saudoso poeta Laurindo Rabello, em viagem da Bahia para o Rio de Janeiro, quando um sujeito, que só tinha um dente na frente, depois de ter fallado mal de todo mundo, perguntou-lhe: — Então, o que lê diz doutor? Ao que respondeu Laurindo promptamente:

Mette nojo, inspire pena
Até mesmo causa dó
Ver morrer em tanta gente
Um homem de um dente só.

Dr. M. P. S. T.

O raio de luz

ROMANCE DE

M.^{me} REYNÉS MONLAURTRADUZIDO DA 69.^a EDIÇÃO FRANCEZA
PELO

Dr. J. J. de Freitas Coutinho

ESPECIALMENTE PARA A REVISTA "MATTO-GROSSO"

II

Os viajantes que actualmente percorrem a Galiléa, não podem imaginar em que estado se achava, nos primeiros annos da nossa era, esse jardim de Deus, esse «Paraiso terrestre,» esses «valles em que o Aser banhava seus pés em oleo». Apenas se encontram hoje algumas ruínas desoladas naquelles mesmos logares em que vinte cidades bordavam. qual precioso collar, o cimo azulado de seu lago. E só as descrições entusiasticas dos rabbis ou de Joseph fazem reviver ante nossos olhos, além, muito longe, Capharnaum, a opulenta Magdala, rica e corrompida, a terra das lãs escarlates; Corozaim e seus mercados de cereaes; Bethsaida, exportando peixes e fructas; Tiberiada, a cidade pagã dos palacios de marmore, projectando na agua transparente do lago a sombra de suas columnas etc.; Mais longe, nas terras, Naïn, a bella, dominando a planicie d'Esdraion; Caná, adormecendo ao som harmonioso de seus juncaes, e outras, e ainda outras, mais de duzentas cidades ou aldeias, abrigando uma população turbulenta, alegre e activa. Os rabbis não olhavam sinão com desprezo esse povo de camponezes e de pescadores, profundamente illetrados, fallando uma lingua rude e corrompida, muito mais pre-

occupados com seus negocios e com a pesca do que com as lições dos mestres em voga. «Si queres ser rico, dizia um proverbio, vai a Galiléa; si queres ser sabio, vai a Jerusalem». E esse paiz, cuja belleza se canta, permanecia, aos olhos dos verdadeiros Judeus, fóra «da Terra» — nome que um enthusiasmo fanatico reservava á Judéa e á cidade santa.

E no entanto, que logar de delicias! As arvores davam duas vezes em cada anno sua colheita de fructos: os vinhedos, ostentando durante dez mezes seus pezados cachos, alternavam-se com as innumeraveis oliveiras, figueiras e as arvores preciosas de balsamo. Os carvalhos, as faias e outras arvores misturavam o seu verde sombrio com as folhas esguias dos palmares; toda uma população de pardaes e de pombas se debruçavam, nos galhos dos cedros. Por toda a parte crystalinas fontes; por toda a parte uma herva espessa semecada dessas flôres que dão ás primaveras do Oriente seu aspecto quente avermelhado: tulipas, anêmonas, narcisos em que sobressai o escarlate, e, de longe em longe, muitas de abróteas e essas grandes açucenas estriadas de purpura, elevando acima dos prados a graça real de suas hastes.

Naquella manhã, uma doce manhã de Adar (Março) do anno 29, mal se mostrava o sol quando Su-

zanna deixou sua vivenda com Sara, sua criada grave predilecta. De pé desde o romper da aurora, foi com paciência que a moça deixou entrançar os seus longos cabellos castanhos. Ao contrario das Judias elegantes e ricas, ella não usava rebiques, não mergulhava no *stibium* a comprida agalha para passar e repassar nos supercilios; suas unhas não eram pintadas como *henné*. De todos os requintes do luxo, conservava somente o uso dos perfumes raros; e, de todas as prescripções pharisaicas, somente observava o habito das abluições repetidas. Duas vezes fez escorrer ao longo de suas mãos a agua perfumada de essencias de rosas e, cumpridos estes ritos, envolvendo se num véo sombrio, havia ella salido apressadamente.

Uma animação desacostumada reinava ao longo da estrada. Porém a preocupação de Suzanna era tão forte, que todo o movimentos exterior era impotente para distrahi-la.

Perto de Suzanna continuadamente passava muita gente, num vai-vem barulhento, interpellando-se com gritos de alegria. Os pescadores galileus formavam a maior parte da multidão; porém muitos tinham vindo da Judéa e de Jerusalem, de Tyro e de Sidon, attrahidos pelo desejo irresistivel de vêr o Mestre.

Fallavam entre si a seu respeito, dizendo cousas doces ou cousas espantosas que sabiam d'Elle. Elles O tinham visto e contavam que Elle estava lá, em cima da montanha. Após meia hora de caminhada, Suzanna subia as primeiras encostas do monte Kurne Eddin. Ainda em baixo um grago de Sadduceus caminhava; quasi todos, sacerdotes ou principes dos sacerdotes, olhavam indolentemente em roda, surprehen-

didos, quasi divertidos com a vivacidade desses primitivos. Suzanna distinguia entre elles Samuel ben Phabi, o homem mais elegante da epocha; vestia, apezar daquelle hora matinal, uma tunica leve, de um azul então inimitavel, aquelle azul que era pago duas vezes o seu peso em ouro. Ao seu lado vinha Issachar, que se reconhecia por suas luvas de seda, as quaes não deixava nem mesmo para sacrificar no templo; e Johanan cujos festins magnificos eram celebres.

Suzanna passou rapidamente, dissimulada em seus véus. Um pouco mais longe cruzou com alguns homens desdenhosos e soberbos: os phariseus, com largas phylacterias de longas franjas. Esses lançavam sobre o povo olhares insolentes.

Não estavam ainda cheios de odio, nem irritados contra o Nazareno. Tinham vindo ouvi-lo muito por alto. Somente Jonathan ben Uzziel parecia estranho aos seus motejos; elle recitava para Jekoniah os primeiros versiculos de sua paraphrase chaldeana das Escrituras. Quando Suzanna passou, elle sorriu para a irmã do grande rabbi—os phariseus não saudavam as mulheres—e Babai ben Buta, cujos olhos foram arrancados por Herodes, voltou para ella o seu rosto mutilado. Ella ouviu Levi interpellar o velho com uma voz ironica: — «Pede, pois, ao Nazareno que te dê olhos». E Suzanna ainda ouviu a resposta amarga do ancião: «Pede-lhe um milagre maior; pede-lhe que te dê um coração».

Em sua physionomia deixou a moça transparecer uma dor por aquelle cego, sempre nas trevas, embora na amplidão daquelle céu de luz.

Mais acima Suzanna encontrou ou tras miserias. Doentes ardendo em febre, paralyticos, surdos mudos:

todos os males reunidos num agropamento lamentavel.

A certa distancia, caras mutiladas, carcomidas, lançavam um grito de agonia: «Impuro! Impuro!» Com horror Suzanna se desviou dos leprosos.

Agora a multidão se conservava parada. Não se subia mais, esperava-se. Suzanna ficou perto de um sycomoro. Sob sua sombra uma mulher jovem embalava um menino de quatro a cinco annos, paralytico, immovel. Um grupo de creancinhas fluctuantes, corria com gritos alegres. O pequenino enfermo soerguia-se com grande esforço para vel-as, inquieto, ansioso, seu olhar triste parecendo perguntar porque não era elle como os outros...

E sua mãe apertava-o num abraço mais terno: «Quando Elle passar, te fará caminhar, talvez...»

Um grande movimento se produziu entre o povo... Todos os olhos se fixáram no alto da montanha, donde desciam alguns homens. Tumbensas acclamações subiam aos ares e tornavam a cair, semelhantes ás grandes vagas do mar contra os penhascos. A' medida que o grupo avançava, cegos abriam os olhos, doentes deixavam seus leitos e caminhavam. O sol lançava o ouro de seus raios sobre esta scena estranha: era mais do que uma marcha triumphal, era, sob os passos do Nazareno, uma florescencia de milagres. A multidão em delirio acclamava sempre.

Pela direcção que tomavam os companheiros do Mestre, era evidente que Elle ia passar diante de Suzanna. Viam-se todos distinctamente. Eram simples e pobres, mas como si estivessem fóra de si, arrebatados pelo grande sopro do milagre. Chamavam-nos em voz alta: — eram Pedro e Jacques; um outro, o unico da Judéa, Judas de Kerioth;

Philippe e André, pescadores de Bethesda e o ultimo, do semblante angelico, João, filho de Zebedeu. Suzanna percebia tudo isso como num sonho, mal se tendo em pé, apoiada ao sycomoro. A creança doente dormia quasi a seus pés.

E agora era Elle. Jesus avançava em sua magestade tranquilla, sem que o ruido das acclamações alterasse a immensa doçura triste do seu rosto. A' sua approximação a jovem mãe tinha-se lançado para frente, estendendo-lhe o filho doente, num tal ardor de fê supplicante, que todo o seu corpo tremia: «Tende piedade d'elle; tende piedade de mim.» Ella só podia repetir estas pobres palavras, dizendo todo o seu martyrio no de seu filho.

Jesus estendeu as mãos sobre o pequenino corpo doloroso; a compaixão infinita do gesto, acompanhou a palavra potente: «Eu o quero: caminha!» De um salto a creança lançou-se no meio das outras, emquanto a mãe calha de joelhos, beijando as mãos do Mestre, beijando sua tunica, não encontrando nem mesmo as palavras de inda ha pouco, somente lagrimas, uma chuva de lagrimas, para Lhe dizer que seu coração arrebatava de alegria.

Então Suzanna teve a impressão que as cousas exteriores se apagavam, que um grande silencio se fazia nella. Ella implorou Jesus de Nazareth por não sei qué soffrimento incuravel, aquelle que todos nós arrastamos, o soffrimento de não se realisar o nosso sonho: a vida é tão pequena e o sonho tão grande! Ella O implorou por toda aquella incuravel miseria, para que assentasse os carinhos divinos sobre os seres frageis, pedindo-Lhe baixinho que apoiasse o seu coração em qualquer coisa de infinito, em qualquer coisa de eterno...

Tudo isso ella disse com os labios immoveis. Somente levantou os olhos quando Elle passou.

E tambem Elle olhou para Suzanna. O puro, o insondavel olhar pensativo abaixou-se sobre ella. Parecia a Suzanna que Elle lhe tomava a alma e uma alegria triumphal sacudiu-a toda.

Agora Elle se assentava no prado tranquillo que se estendia sobre o valeão extinto, entre os dois cimos do Kurne Eddin. E dizia palavras de vida a todo esse povo esfaumado e sequioso, palavras tão estranhas de se ouvir e tão novas! Jesus não fallava como um conquistador ou como um rei: bem pelo contrario, muito acima de um rei! A palavra grave e simples tirava toda a sua autoridade de si propria e não se inspirava em nenhuma outra. Essa palavra afastava toda influencia estranha. «*Disseram-nos e eu vos digo... e eu vos digo...*» Elle tomava a bondade, a sabedoria, a caridade e a fé do mais alto ponto em que as havia collocado o ensino dos homens — e com uma palavra augmentava o horizonte, abrindo um campo illimitado a todas as boas vontades e a todos os corações.

Jesus lhes indicava como modelo a propria perfeição de Deus: esse Deus a quem Elle ensinava rogar sob o nome tão doce de Pai! Elle abençoou, declarou bemaventurados os pobres, os misericordiosos e os pacíficos, aquelles que no meio da tormenta deste mundo guardavam a fome e a sede sagrada que Elle promettia saciar e aquelles que, perseguidos pela justiça, não desertariam até a morte do austero campo da batalha.

Seria isso uma ambição de masiado alta? Tinha a boa donzella já censeguido, num só olhar, todas as confi-

anças e todas as certezas? Mas Suzanna esperava a palavra que Jesus diria expressamente para ella. Suzanna não odiava ninguém, nada desejava que fosse preciso recusar, e não tendo chorado, ignorava ainda aquella divina semente que as lagrimas fazem colher.

Então, como o orvalho em terra arida, a palavra celeste cahiu profundamente na alma de Suzanna:

Bemaventurados os corações puros, porque elles hão de ver a Deus.

Suzanna tornou para a sua branca habitação e ia perdida numma doçura de extase, que não escapou ao olhar attento de Gamaliel. Mas o nobre Mestre não quiz perturbar com uma pergunta aquelle recolhimento silencioso. Ella propria nada disse. Somente, á tarde, depois de haver rezado, segundo o costume, as orações prescriptas, ella se deixou ficar como que hesitante, procurando as palavras: e, lentamente, com uma doçura infinita, ajunctou a prece que Jesus ensinára; — Padre Nosso que estais nos ceos; venha a nós o vosso reino; seja feita a vossa vontade, assim na terra como no céu...

Gamaliel a escutava, com ar pensativo. Até tarde, bem tarde, permaneceu elle sosinho na escuridão da noite, apoiado contra a balastrada de pedra. Suzanna era a alegria de sua vida: desde muito tempo a mãe do seu filho Simeão tinha morrido; desde muito tempo seu filho Simeão viajava por longe. Elle tinha amoldado com suas proprias mãos a creatura delicada e o desabrochar dessa bella intelligencia, a nobreza dessa alma candida, era um pouco o resultado do seu esforço, somente seu... Pela primeira vez uma influencia nova se insinuava entre elles! Gamaliel desceu a sala de Suzanna e afastou o

pesado reposteiro. Contemplou os tapetes preciosos, as paredes revestidas de cedro, a harpa encrustada de ouro e de madreperola, e esses tecidos leves de Sidão que envolviam a donzella adormecida num vao esplendido, formando uma nuvem espessa e esbranquiçada donde emergia a sua cabeça angelica. Naquelle sua casa de campo da Galiléa e em sua residencia de Jerusalem, tinha cercado Suzanna, só para ella, de todo o luxo e conforto, tinha imaginado para ella todas as doçuras e todas as harmonias. — E eis que a palavra de um mestre estranho tinha dado mais alegria a esta alma que todos os seus cuidados, exclusivamente seus, que todos os seus sonhos. Gamaliel envolveu num longo olhar melancolico a filha prezadissima do seu coração. Uma lampada de azeite aromático, collocada num alto candelabro de bronze, mergulhava aquella purissima physionomia nos reflexos indecisos da luz e da sombra. Gamaliel estendeu as duas mãos, num gesto lento, e murmurou como si estivesse orando: «Si este outro mestre tem o poder de abençoar, que todas as suas bênçãos caiam sobre ti.»

Caíabá.

(Continúa).

Disputavão dons noscios em uma sala: um teimava que se devia dizer ao criador: — Dai-me de beber. — O outro — Dai-me que beber. Uma senhora que estava presente cortou a questão dizendo: — Julgo que nenhum dos dons tem razão: homens como os senhores — o que devem dizer é: — Leva-me a beber.

Perguntando-se a Diogenes, que differença havia entre um sábio e um ignorante, respondeu: a mesma que tu fazes entre um belcheiro e um enfermo.

O sábio, em paiz sem illustração, é como uma rosa no deserto, onde os insectos a maltratão, e onde se não sabe apreciar os perfunis, nem admirar sua belleza.

De M. P. S. T.

A destruição dos gafanhotos na Republica Argentina

(Carlos Novakke Santos, auditor do inspector agrícola do 11.º districto)

O sr. Felix d'Herelle, um joven sabio, criado na escola dos Metchnikoff e dos Roux, no Instituto Pasteur, descobriu recentemente um novo processo que parece ser singularmente mais efficaz que os empregados até hoje, para a destruição dos gafanhotos. E, de volta da Republica Argentina, onde pela primeira vez applicou com grande exito o seu processo, concedeu a um redactor do grande jornal francez, uma entrevista que vamos resumir pelo interesse que apresenta para a agricultura do nosso paiz.

O sr. d'Herelle começa por salientar a importancia deste flagello, cujos prejuizos causados sobem, por anno, a muitas centenas de milhões de francos. Todos os annos elles invadem a America, desde os Estados Unidos até a Argentina, a Africa do Norte e Austral, os Estados dos Balkans, a Russia, a India, o Madagascar, as Philippinas e a Australia!

E' por onde passam, deixam apenas miseria e desolação!

Mas que fazer contra elles? Varios processos foram successivamente empregados, mais forçoso foi reconhecer, que mesmo os melhores, eram deficientes. As barreiras erguidas em defesa da lavoura eram excellentes meios de protecção, mas não de destruição e, além disso, muito caros. O governo Argentino, que possui cerca de 40.000 kilometros de lla, já houve annos de despendere cerca de 30 milhões de francos (18 mil contos). Não era, pois, esse o processo ideal. Tinha o triplice defeito de não ser radical, de não destruir e de ser sobrecarregado oneroso.

Ha muito tempo já se tinha comprehendido que o meio de destruição ideal seria provocar entre elles uma doença que os dizimasse totalmente. Muitos experimentadores haviam tentado propagar *mycoses* pelo emprego de certos cogumelos. Mas estes ensaios não deram resultado satisfactorio, e nem podia ser de outro modo, pois que estes parasitas, para exercerem a sua acção pathologica, precisam de determinadas condições de calor e humidade que raras vezes se dão no momento desejado.

O problema estava neste ponto, quando o sr. d'Herelle teve occasião de observar, no Mexico, em 1910, uma epizootia que flagellava os gafanhotos do Estado de Yucatan. E então, depois de longos e acurados trabalhos, descobriu que essa doença era causada por um microbio, um coccobacillo, que produz uma diarrheia abundante, acompanhada de septicemia geral, que mata os insectos em poucas horas.

Os resultados deste estudo foram apresentados á Academia de Sciencias pelo dr. Roux e o sr. Angelo Gallardo, director do Museu Nacional de Buenos Ayres, que nesse momento se achava em Pariz, impressionado com o seu grande alcance, communicou-os ao sr. Henrique Larreta, ministro da Republica Argentina em Pariz, o qual, por seu turno, avisou o ministro da Agricultura do seu paiz. Este immediatamente, e por telegramma, convidou o sr. d'Herelle a ir experimentar o seu processo na Argentina.

Era em Janeiro, quando a maior parte dos gafanhotos já havia abandonado as provincias de Santa Fé e de Entre Rios. Foi, entretanto, possível encontrar bandos em numero sufficiente para os ensaios preliminares, em que se tratava de verificar

si os gafanhotos da Argentina contrahiam a molestia. Os resultados foram decisivos e a epizootia desenvolveu-se com extraordinaria rapidez. Em todos os lugares infectados encontravam-se os insectos mortos num raio extenso, ao fim de dois ou tres dias. O sr. d'Herelle pôde egualmente estabelecer que os gafanhotos dos rios de azas, já contaminados, propagavam em poucos dias a epizootia em distancias consideraveis: em um caso, cerca de 50 kilometros em pouco mais de oito dias. Quarenta dias depois da primeira applicação, foram encontrados insectos mortos da infecção, a uma distancia maior de 400 kilometros. Em Entre Rios, deu-se um facto typico tendo sido assinalado um enorme bando, que, em poucos dias, destruiu completamente uma cultura de 100 hectares de milho, foi elle destruido totalmente com dois litros de *caldão de cultura*, com os quaes foram infectados somente alguns metros quadrados do terreno devastado. E a ultima experiencia concludente, deu-se na provincia de Rioja, onde inumeros bandos de saltões ameaçavam dar cabo de todas as plantações. A situação era grave e antigos empregados do Ministerio da Agricultura prediziam a invasão das aldeias, das lavouras e uma devastação total.

O sr. d'Herelle poz-se a caminho e cada bando encontrado era infectado por um ou dois litros de *caldão de cultura*, espalhados por meio de um pulverizador, sobre o lugar onde se achava o grupo mais compacto. O resultado foi o seguinte: ao fim de tres semanas, só vivia um unico bando e esse mesmo, já contaminado, desaparecia alguns dias depois, isto é, em menos de um mez.

Durante todo este tempo, não se notou nem em um só caso a doença

nos animaes domesticos, nem nos numerosos rebanhos que pastavam nos campos onde foi espalhado o *catão de cultura*. O coco-bacillo dos gafanhotos só é pathogenico para os arideos e para alguns outros insectos, como, por exemplo, a formiga, o que aliás, não é de modo algum inconveniente.

Taes são, em resumo, as declarações feitas pelo sr. d'Hierelle. Temos a accrescentar que o governo Argentino vai daqui a um anno applicar em larga escala o processo descoberto pelo joven sabio francez. o que permittirá verificar, de modo definitivo, o seu valor e o seu alcance pratico.

O VIGOR DO CATHOLICISMO

«Não ha e nunca houve neste mundo obra de politica humana que tanto mereça exame como a Egreja Catholica Romana. Uma a sua historia ás das grandes epochas da civilização humana. Não resta mais em vigor instituição alguma que a egualle no poder de reconduzir o nosso pensamento nos tempos em que se eleva o fumo dos sacrificios no Pantheon, e os tigres e leões saíam no amphitheatro Flaviano.

As mais activas causas reaes são de hontem, si comparadas com a linhagem dos Pontífices.

Traça-se essa linha em séries ininterrompidas desde o Papa que coronou Napoleão no seculo XIX, até ao Papa que coronou Pepino o Curto no VIII seculo. E muito além de Pepino a angusta dynastia estende-se até perder-se no crepusculo da legenda.

Em antiguidade, segue-se em 2.º lugar a república de Veneza, muito mais moderna em comparação com o Pontificado e a república de Veneza se foi e o Papado ficou.

E não ha, não em decadência, não como simples antiguidade, mas cheia de vigor vital.

A Egreja catholica continúa a envolver ás mais remotas regiões da terra seus missionarios, tão zelosos como os que saíam em Kent, Inglaterra, com Agostinho, affrontando os reis hostis com o mesmo espirito com que a Egreja encara Attila.

O numero dos seus fillos é maior do que em qualquer outro tempo passado.

As suas aquisições no Novo Mundo compensam com sobra o que perdeu em o Velho Mundo. Extende-se sua semidivindade sobre os vastos paizes que se projectam das planícies do Missouri ao Cabo de Horn, paizes que d'agora a um seculo provavelmente não conter uma população egual á que habita agora a Europa. Os milhares da sua civilização são os annos de 150 milhões.

E será difficil por ver que todos as outras seitas christãs não desistam de suas 12 milhões.

Nem se percebe indício algum de um proximo termo do seu domíno. Via ella comego de todos os governos e de todos os estabelecimentos ecclesiasticos existentes agora no mundo; e não temos segurança alguma para presumir que não está ella destinada a ver o fim de todos. Era já grande e respeitada quando os sanções pisaram o solo da Gran Bretanha, antes que os Francos houvessem atravessado o Rhem; quando florescia a eloquencia grega em Antioquia, quando oram os idolos adorados no templo de Mecca. E poderá existir ainda, sem declínio, quando algum viajante vier da Nova Zelandia pensar no meio de vasta solidão, nalgum arco quebrado da ponte de Londres, para contemplar as ruínas da Egreja de S. Paulo.»

Outro trecho:

«Depois que se firmou a auctoridade da Egreja de Roma sobre a christandade occidental, por quatro vezes levantou-se o intellecto humano para quebrar o seu jugo. Duas vezes coube-lhe completa victoria; duas vezes sahio ella da lucta, trazendo os gylvazes de crimes ferulas, mas conservando o principio vital bastante forte. Quando reflectimos na sua sobrevivencia após tão tremendos assidos, reconhecemos que é difficil conceber de que modo poderá ella morrer.»

Exchido do Ensaio de Lord Macaulay sobre a historia das Papas, de Ronke.

No tempo d'Elrei Affonso de Aragão, houve em Agrigesto, um cego muy astuto que pelo tio sahia ás estradas de toda ilha, de modo que servia de guia aos passageiros. Tendo elle juntos 500 mil cruzados, os enterrou para que lh'os não furtassem. Porém um compadre seu, que morava perto, viu o enterro em deposito, e logo no seguinte dia lh'o tomou. Achando o cego a falta, conjecturou a verdade. Para certificasse, foi tomar conselho com o mesmo ladrão, dizendo: compadre, eu tenho enterrado em certo lugar, uma quantia de dinheiro; deixei-o lá com umigo pelo que podia suceder; agora, como enfim sou cego, temo que me furtem; não sei si farei melhor em a pôr onde a outra está, ou se a deixe em minha casa.

O consulier, vendo offerecêr-lhe oportunidade, de lhe tomar tudo, respondeu: Por melhor tenho que enterrá-lo. E para que o cego não achasse de menos o primeiro deposito e confiadamente lhe ajuntasse o segundo, rejez alli o que tirara, e vigiou a hora em que o cego ia executar o seu conselho. Porém este, que não ia aguardar de novo, se não a recuperar o antigo, tanto que o achou, levantou o sacco na mão, para aquella parte, onde suppunha que o visinho o estava vigiando — como na verdade estava — e disse em voz alta: O compadre, quanto á esta vez, mais vejo eu cego, que vos com ambos os olhos.

Reflexão. — O ladrão restituía parte, para furtar tudo; e o cego offerecia tudo, para não perder coisa alguma. Cegou-se o que vigiava, porque o cego era mais previsto; e tomou conselho fora, como ignorante, tendo-o já tomado consigo, como prudente. Fingiu que não sabia, para acabar de saber; porque quando o ladrão lhe aconselhou que enterrasse o dinheiro, então lhe mostrou desenterrada a sua maldade; e quando rejez o furto para não ser sentido, então o deu mais a sentir. Não só recuperou o cego o dinheiro perdido senão que desdourou o ladrão compadre.

P. Manoel Fernandes.

Campanha indigna contra a catechese Catholica

A PROTECÇÃO AOS INDIOS TRANSFORMADA EM PERSEGUIÇÃO AOS PADRES

O Dr. Carlos de Laet, da
Academia Brasileira, e o coronel
Rondon—Continúa o grandioso
plebiscito

RONDON

VERSES

RONDON

«Uma das mais extraordinarias figuras da actualidade é o Sr. Coronel Candido Rondon, que, decorado com o titulo de Director-Geral do Serviço de Protecção aos Indios e Localisação dos Trabalhadores Nacionais, passa a vida subtrahindo-se aos encargos da profissão militar, na tarefa da catechese dos irmãos feticheístas.

Com terrivel causticidade, em uma das suas obras, alludiu o Sr. General Dantas Barreto ás dubias condições em que se acham officinas combatentes filiados a uma seita philosophica que condemna os exercitos e se propõe substituil-os por uma *gendarmerie* ou mera força de policia; militares que desdenham e profligam toda a sorte de melhoramentos bellicos: que comprometendo-se á defesa e manutenção da patria una e indivisivel, todavia acariciam o ideal do retalhamento dos grandes paizes em minúsculas republiquetas, quinze na França, e naturalmente umas trezentas e tantas no Brazil. O illustrado General, quando Ministro da Guerra, absolutamente não tomou providencias

para acabar com os officinas philosophantes e catechistas: mas em todo o caso ficaram suas palavras, como um protesto do bom senso contra o disvirtuament da função militar em nossa terra.

O Sr. Rondon é, pois, um catechista, catechista leigo; e, vendo nas missões catholicas um prolongamento da obra iniciada por Nobrega e Anchieta e interrompida pelo Marquez de Pombal, naturalmente ansiava por desmoralizalas. Ao princípio distarcava o jogo, e agora acaba demascando suas baterias, se é que com relação a um guerreiro pacifista, possa, sem offensa, empregar essa imagem de artilheiro.

Em officio endereçado ao Sr. Ministro da Agricultura (gráo 33, á sombra) em data de 1.º do corrente, o Sr. catechista Rondon articula graves accusações contra a missão sub-simã de cateches de Matto-Grosso.

Esta missão dita de 1894. Em maio desse anno partiu do Rio da Prata um grupo de missionarios, sob a direcção daquelle infatigavel e santo trabalhador que foi D. Luiz Lasagna. Em junho chegavam a Cuiabá e em menos de um anno depois fundavam a Colonia dos Coroados, ás margens do S. Lourenço, e em seguida do Sagrado Coração e a do rio das Garças. Além dos estabelecimentos de ensino mantidos em Cuiabá e em Corumbá, os salesianos assim, dentro de pouco tempo, a

quasi desajudados, crearam quatro importantes núcleos colonizantes: o do Sagrado Coração, o da Immaculada Conceição, que é no rio das Garças, o do Sangradouro, e, incipiente, o das Palmeiras.

Visitantes e informantes officiaes ou não sempre deram do esforço dos padres o mais grato e elogioso testemunho. O nome do P. Antonio Maria Malan, virtuoso e activissimo chefe dessas missões, tem sido equiparado aos dos grandes benemeritos da catechese.

O Sr. General Serzedello Corrêa, propugnando na Camara dos Deputados um auxilio á missão salesiana, declarou ser essa obra uma das mais grandiosas que em prol dos indios se têm effectuado no Brazil, e equiparou á dos nossos primeiros missionarios a ABNEGAÇÃO e as VIRTUDES de que davam provas o Rev. P. Malan e os outros filhos de D. Bosco.

Em sua mensagem dirigida á Assembléa Legislativa de Matto-Grosso, o Presidente do Estado, Dr. Joaquim Augusto da Costa Marques, ao encetar-se a 1.^a sessão da 9.^a legislatura, em 13 de maio do corrente anno, teve, para os dignos salesianos, palavras de justo apreço. Textualmente:

"A missão salesiana, que já muito tem feito pela catechese em nosso Estado, continúa a trabalhar pela civilisação de outras tribus, desenvolvendo as colonias que para esse fim fundou na região leste do Estado e para onde tem attrahido a grande tribu dos Bororós Coroados; e trata da catechese dos Cayapós, uma das mais bravias que por aquella zona vagueiam, impedindo o seu povoamento e a exploração de suas riquezas. E' possível que dentro de pouco tempo tenhamos a maior par-

te da nossa grande população silvícola, senão toda transformada em habitantes pacificos e proveitosos dos nossos vastos sertões, formando aqui e acolá núcleos de povoações indigenas, uma vez que com a mesma perseverança e fé se prosiga pelo tempo além ra humana e caridosa missão." (Pag. 47)

Entre as aguras do seu voluntario desterro, no meio das privações e perigos que destemidos affrontavam, curtindo muitas vezes os tranços do civilizado que se embrenha por inhospitos sertões, tinham, todavia, os bons salesianos o conforto dessas e outras amistosias palavras, que os animavam a perseverar no serviço de uma causa duplamente recomendavel, porque trabalhavam por Deus e pela nossa patria.

Ao Sr. catechista Rondon não eram desconhecidos taes serviços; e das alturas quasi pontificias da sua Directoria Geral do Serviço de Protecção aos Indios e Localisação dos Trabalhadores Nacionais, tambem se dignou de baixar ás colonias salesianas e de exarar o seu juizo assás favoravel, não só verbalmente mas ainda, e felizmente, em preciosos autographos. *Scripta manent.*

Taes conecitos, já foram divulgados, mas nada se perde com repetir alguns.

Assim é que o nosso illustrado e leigo catechista, depois de inspecionar um dos estabelecimentos salesianos, escreveu isto:

"Visitando, pela primeira vez, na qualidade de Director Geral do Serviço de Protecção aos Indios e Localisação dos Trabalhadores Nacionais, a Colonia Immaculada (do Rio das Garças) de direcção dos Rvms. Padres Salesianos de Matto-Grosso, leve a melhor impressão do estado em que a encontrei, e mantendo as

esperanças de vê-la desenvolver^(sic) rapidamente, de modo a poderem os índios boróros que a constituem, se encorporarem ^(sic) dentro de poucas gerações á nossa sociedade, com proveito geral para a Humanidade. Nessas condições, além dos conselhos verbaes que emitti ^(sic) á sua digna Directoria, no sentido de approximar a sua direcção, tanto quanto seja possível, do plano geral consignado nas instrucções organizadas pela Directoria Geral, deixo aqui expressas as minhas congratulações á digna Inspectoria Geral da Missão Salesiana Mattogrossense, com os sinceros votos que faço pela verdadeira prosperidade da Colonia e felicidade completa dos nossos irmãos feticheistas.»

Isto, graphado no livro da citada colonia, tem a data de 5 de Julho de 1911, e bem comprova:

1.º Que ha pouco mais de um anno o Sr. catechista leigo tinha optima impressão visitando a missão salesiana; 2.º que nada achava que censurar, limitando-se a emittir conselhos geraes, que não diz quacs foram, mas deveram ter deixado os Padres penhoradissimos pela valiosa emissão; e 3.º, incidentemente, que o estudo não da arte da guerra, mas da philosophia transcendental, tem algum tanto prejudicado ao digno catechista leigo no tocante ao manejo do vernaculo, talvez tambem pelo seu diuturno contacto com o elemento boróro.

Dias depois, a 8 de Julho de 1911, escrevia o catechista leigo Rondon em outra das colonias salesianas:

«Como da Colonia Immaculada levo, desta colonia Sagrado Coração, a melhor impressão, com a circumstancia de hesta observar maior desenvolvimento pratico assimilado pelos Boróros que a constituem mai-

or desembaraço social entre os Índios, melhor trato nas suas habitações, o que tudo demonstra que uma acção mais demorada foi exercida no sentido de inculcar-lhes o gosto pela vida civilizada».

Em 11 do citado mez e anno escrevia ainda, em terceira colonia, o referido catechista leigo:

«Aqui nesta colonia do Sangradouro, de direcção tambem dos rds. Padres Salesianos, e egualmente constituida, actualmente, de alguns Índios Boróros, deixo a minha *impressão expressa em louvores* á sua directoria e parabens á sua Inspectoria Geral, de que é distincto chefe o revm. padre Antonio Malan.

«Reservada a ser o futuro centro da população indigena transformada, esta colonia do Sangradouro tem proporções a se tornar um futuro, talvez bem proximo, uma cidade formada especialmente de uma população genuinamente brasileira com a sua caracteristica ethnica. O desenvolvimento agricola que já attinge, se deve aos trabalhos dos Índios da Colonia Sagrado Coração e dos que um anno atraz se estabeleceram vindo especialmente e directamente das aldeias do alto S. Lourenço para esta colonia de direcção actual do Padre João Balzola. O conjunto dos trabalhos que observei nas tres colonias que acabei de visitar, me anima a esperar da direcção dos Salesianos uma salutar transformação para os nossos Índios Boróros, com real proveito para a nossa sociedade e felicidade dos mesmos Índios.»

Ora eis ali! Francamente, para todos os homens que em alguma conta hajam o sentido das palavras, a probidade no pensar e a sinceridade no dizer, creio não flear duvida sobre o conceito favoravel e mesmo entusiasticamente approbativo do

Sr. catechista leigo sobre a obra da catechese dos Salesianos.

Nem é tudo. Em data de 2 de agosto de 1911 e da estação do Acurizal Grande, ao Rev. Padre Malan telegraphava o Sr. catechista Rondon nos seguintes termos:

«Continue no mesmo trilho tendo marchado. Confie na minha rectidão, procurando sempre e cada vez mais melhorar as condições moraes e materiaes dos nossos indigenas, que tereis feito já a minha maior admiração e do Governo, que outra cousa não desejamos senão deixar livre o campo de acção á vossa santa missão, para que se possa desenvolver e dilatar efficaçmente sua acção já benefica...»

Isto é: Rondon vê, e acha bom o que viu; confere ao trabalho dos missionarios catholicos os mais honrosos louvores; declara que, indo como vão, brevemente a colonia será uma cidade. e ter-se-á resolvido o problema da transformação do indio em elemento social; exhorta os padres a continuarem na senda porque têm andado... Que mais? Faltava o reverso da medalha... Rondon, agora, acha mil defeitos, lacunas e abusos na catechese religiosa, e, para explicar a ridicula antinomia entre os seus elogios de hontem e as suas censuras de hoje, diz que, quando escreven tudo o que acima deixou registrado, apenas o fez *"como incentivo, para lerantar os padres a altura da obra que tinham em mãos!"*

Depois disto o Sr. catechista leigo perdeu direito de ser tomado a sério, quando asseverar alguma cousa, porquanto, se a sua moral lhe permite dizer o contrario do que pensa e isto para determinados e occultos fins, nada logicamente nos veda acreditar que actualmnte e para quaesquer fins egualmente não

explicitos, o Sr. catechista leigo esteja detrahindo a obra do missionario catholico. Elogiou (diz agora) não porque achava bom, mas só para *levantar os padres...* Pois bem! hoje tambem uos é licito julgar que os accusa e detrae só no intuito de os abater.

A versatilidade, a incoherencia, a duplicidade não podem, creio eu, ser autorizadas por nenhuma philosophia. E porque tão inhabilmente as revela o Sr. catechista leigo, arriscando-se até ao descredito entre os seus irmãos fetichistas, que em alguma conta hajam o respeito da palavra!

Porque o Rondon imparcial não poudo suffocar o Rondon sectario. A catechese catholica, a continuação da obra de Anchieta, Nobrega e Vieira é um gigante importuno ao pygmeu comtista... Urge matar o gigante. O pygmeu continuará rachitico, ainda que bem amamentado pelo ubre official.

Fal-o-ão? Tudo é possivel neste paiz de catholicos intimidados, acovardados, sem a devoção da sua causa e humillhados mesmo diante do guerreiro mais pacifista!

Carlos de Laet.

DECLARAÇÕES DOS FAZENDEIROS CIRCUMVIZINHOS DE PALMEIRAS

Nós abaixo assignados moradores da Campina, á meia legua de Palmeiras, estando de continuo relacionados com os Padres e tendo visto o tracto extremamente amavel com que se esforçavam por ensinar aos indios ali aldeados a verdadeira civilização, e não nos constando de nenhum attentado contra a vida, nem de outros actos violentos praticados contra os referidos indios, declara-

mos sem fundamento as acusações feitas contra os referidos Padres.

Campina, 21 de Novembro de 1912
Gonzalo Pereira dos Santos.

José Marcelino Pereira

A rogo de meu pae Antonio Leite Pereira e Raphael Freire do Couto, de Procopio de Lara Pinto, de Raymundo de Penna Forte, de Jerge de Lara Pinto e de Antonio Cyrillo do Couto, *Gonzalo Pereira dos Santos.*

Declaramos que os Padres Salesianos das Palmeiras, nunca maltrataram os indios; no tempo em que elles estiveram aldeados nas Palmeiras, andavam bem vestidos, trabalhavam e não passavam fome, mas logo que sahiram tornaram de novo á vida de preguiçosos e de ladrões. Todos nós damos fé disto e não tem ninguém que possa dizer o contrario.

Bocaininha, 26 de Novembro de 1912.

João Gonçalves de Queiroz.

Barro Preto, 26—11—1912.

Sergio Antonio d'Oliveira.

Manoel Escolastico de Lara.

Piadahyba, 26—11—1912.

André Nunes d'Oliveira.

Sebastião Jorge d'Almeida.

(D'A Cruz, de 29 de Dezembro).

Pro Boróros

Interpreto dos sentimentos dos nossos irmãos Boróros aldeados nas Colonias indigenas Salesianas, archivaremos doravante nestas paginas, em homenagem de admiração e reconhecimento, os nomes das generosas pessoas que com o obulo da caridade cooperam na regeneração daquella espiantosa tribo, tornando-se assim dignos das bençãos de Deus e da Patria.

Exm. Sr. Tagliani Giovanni 30,00 Liras

Exma. Sra. D. Maria Herculana 24,20

Irma Bosisio para impôr

o nome de Maria á uma indio 5,00

N. N., dadas em paletos e calças,

Continúa

BARÃO DE VILLA BELLA

Natural de Castello de Vide (Portugalia, onde vio a luz no anno de 1769). Francisco de Paula Maggessi Tavares de Carvalho verificou praça a 30 de Novembro de 1778 como primeiro cadete no regimento de infantaria de linha n. 8, do Exercito de Portugal.

Por decreto de 24 de Dezembro de 1787 foi promovido a alféres de fuzileiros e a tenente de granadeiros por outro de 25 de Abril de 1794; continuando no mesmo regimento foi elevado ao posto de capitão a 17 de Março de 1797.

Promovido a sargento-mór por decreto de 14 de Janeiro de 1802, foi mandado servir no corpo de policia do Reino de Portugal e nesta commissão por outro decreto de 4 de Novembro de 1803 foi promovido a tenente-coronel. Sendo dispensado da alludida commissão e mandado servir no Brazil, apresentou-se no Rio de Janeiro no anno seguinte e ficou á disposição da respectiva auctoridade.

Em 1808, tendo o sr. d. João VI resolvido a creação do 1.º regimento de cavallaria do Exercito, com o decreto de 13 de Maio, que publicou a sua organização, foi Francisco de Paula Maggessi promovido ao posto de coronel chefe do novo regimento, cargo este que occupou até 14 de Julho de 1817, em que, sendo marechal de campo graduado, foi nomeado capitão-general e governador da capitania de Matt o-Grosso.

Por decreto de 13 de Maio de 1809 foi graduado no posto de brigadeiro, e por outro de 13 de Maio de 1810 nelle confirmado, sendo graduado no de marechal de campo a 7 de Dezembro de 1815.

Em 1817, tendo sido nomeado pa-

ra o já alludido cargo de governador de Matto-Grosso, foi promovido á effectividade do posto de marechal de campo por decreto de 6 e graduado no de tenente-general por outro de 17, tudo do mez de Agosto; neste mesmo mez teve a carta de conselho.

Nomeado governador de Matto-Grosso, tomou posse do cargo em data de 6 de Janeiro de 1819, e nelle deposto e substituido por uma junta provisoria a 20 de Agosto de 1820, regressou á Côrte, onde por decreto de 24 de Abril de 1821 foi promovido á effectividade do posto de tenente-general.

A 19 de Maio de 1825 foi nomeado 2.º commandante do Exercito do Sul e commandante da praça de Montevideo, exercicios estes em que se achou até 18 de Novembro do mesmo anno, por ter sido por carta imperial designado para o cargo de presidente e commandante das armas da provincia Cisplatina, sendo o primeiro a exercer taes cargos na mesma provincia.

Jurou a Constituição do Imperio e assignou a respectiva acta. Por carta imperial de 15 de Fevereiro de 1827 foi condecorado com o titulo de Barão de Villa Bella; depois do tratado de 27 de Agosto de 1828, que restabeleceu a paz entre o Brazil e o governo de Buenos-Aires, regressou ao Brazil o Barão de Villa Bella e ficou residindo no Rio de Janeiro.

Tendo solicitado a sua reforma, foi-lhe esta concedida no posto de Marechal de Exercito com o respectivo soldo, conforme a imperial resolução de 31 de Maio de 1833. Por carta imperial de 25 de Março de 1845 foram dadas as honras de grandeza ao seu baronato.

O marechal do Exercito Francisco de Paula Maggessi Tavares de Carvalho, Parão de Villa Bella, grã

cruz da ordem Militar de S. Bento de Avize e commendador da Concejção de Portugal, falleceu no Rio de Janeiro no dia 26 de Junho de 1847.

E. DE M.

MILAGRES DE PIO X

Jornaes que merecem credito, referiram por vezes verdadeiros milagres operados por Pio X. Delles já fallou o *Mensageiro do S. S. Rosario*.

Agora contam os seguintes: Mons. de Carnon refere que sahindo de sua visita *ad limina* encontrou junto da sala do throno uma franciscana que parecia moribunda. Inspirava compaixão, diz elle. Vendo o Papa, ella gritou: Santo Padre, enrae-me. O Papa orou momentos e abençoou-a. A religiosa estava radicalmente sã.

Outro facto de que foi testemunha o Cardeal Merry del Val: O S. Padre celebrava a santa missa e arrebatado em extases levantou-se a um metro da terra. Mons. Bressan, secretario de Sua Santidade estava presente; correu a dar noticia do caso ao Cardeal Secretario de Estado que veio e presenciar a realidade deste facto.

Escrevem os jornaes que, conforme affirmam os do Vaticano, esses milagres se multiplicam o que muitas vezes Pio X foi visto arrebatado em extases e elevado da terra.

Emfim o abbade Garnier, que n'uma peregrinação em setembro ultimo foi á Roma, communicou ao jornal *La Croix* de Paris que entre os peregrinos havia um jovem de 21 annos chamado Pedro Beaumont que, surdo desde os dois annos de idade, tinha ido de proposito em romaria para solicitar uma cura.

Acompanhado por sua mãe á audiencia pontificia e havendo exposto o seu desejo, o Papa perguntou-lhe:

—Tens fé verdadeira?

—Sim, Santo Padre, elle tem fé, respondeu a mãe do moço, pois este não ouvia a pergunta.

—Ouças, ouças, ouças, disse o Papa ao moço, batendo tres vezes com seus dedos sobre a cabeça do surdo.

Instantaneamente ouvia e começou a chorar de alegria.

Acrescenta o abbade Garnier: Ha tres dias que succedeu o facto que conto e havendo eu fallado diversas vezes em voz baixa a esse jovem, sempre elle me ouvia.

(Do *Mensageiro do S. Rosario*).

Em junho de 1874, Bernard, soldado francez, ia ser condemnado á morte. Tinha commettido grandes crimes, entre os quaes de arremessar ao Sena um agente da Policia. Tendo-se arrependido sinceramente de todos os seus delictos, fez a utes de morrer esta declaração:—Morro cheio de confiança em Deus, a quem já peço perdão de meus peccados. Fui criminoso, mas muito mais o foram esses que me roubaram a fé e religião e me impelleram sempre ao desrespeito da autoridade: foram os escriptores e os redactores de máus jornaes que me perderam.

O PODER MEDICINAL DA MANGA

O fructo da mangueira é tido em grande conta na medicina domestica, tanto pelo que diz respeito ao poder que possui de antiscorbutico como o de se combater as bronchites mais rebeldes.

Alem disso attribue-se á resina que se forma sobre os gallos acção depurativa. As folhas novas são tidas como antiasthmaticas, o succo que exsuda dos ramos é usado como antidiarrheico, e com seus embryões se preparam bons vermífugos. Mas não, sem duvida, os fructos que merecem ser tidos em grande conta para combater as bronchites chronicas, graças á grande quantidade de theobentina que contém.

A manga é um pouco excitante e a sua digestão uma pouco demorada, e por estes motivos não devemos abusar desta fructa, especialmente daquellas que são muito fibrosas. Ha quem afirma que da manga se extrahem um liquido resinoso, ao qual se attribuem propriedades eupépticas ou digestivas, e o illustre Dr. Eduardo Magalhães diz que a manga não relaxa o estomago e é útil aos debilitados, aos dyspepticos, aos amunicos e aos que soffrem de bronchites chronicas e do peito.

A respeito do tratamento dos tuberculosos com o uso e abuso da manga, se tem exaggerado a tal ponto de se apontar casos de cura radical dessa molestia. A manga exerce acção diuretica no organismo e o vulgo afirma que ella tem o poder de limpar as urinas.

A amendoa do caroco como, aliás, as de muitas outras plantas, possui a propriedade de combater os vermes; as folhas se tem attribuido a virtude de combater a dor de dentes e á resina effeitos antisiphiliticos.

A julgar dos poderes nutritivos que se attribuem á manga e pelo que se afirma ante seus effeitos medicinas especialmente no tratamento das bronchites rebeldes, forçoso é reconhecer que esse fructo merece um dos primeiros lugares na ordem de importancia entre as numerosas especies que possuímos nos nossos pomares. A manga pois é uma fructa verdadeiramente providencial,

D' A Bussola

Contra os soluços.

E' geralmente praticado, quando se tem soluços, suspender por alguns instantes a respiração ou beber sem respirar um certo numero de goles d'agua.

Residindo a causa do soluço, segundo alguns, no estomago, nenhum d'esses meios é effezaz.

O melhor remedio é engulir dois ou tres grãos de sul ou um torrão de assucar. O soluço passará immediatamente.

Eu quizera que meu filho tivesse noções de tudo, que tivesse umas tintas de latim, de grego, de historia e mathematicas; tinturas de desenho, de musica... enfim de ta ta a difficuldade, porém, está em achar quem lhe dê tudo isso. — Um homeopatha, responderam a elle.

— Não brinque, quando digo tinturas, quero dizer umas tintas. Metta-o então n'um tinteiro.

Foi um amigo visitar outro, que estava enfermo. Ao entrar, foi fortemente morrido n'uma perna, por um cachorrinho muito estimado na casa do doente. Não obstaro isso a que o visitante descarregasse uma forte bengal a tão atrevido animal, que foi *coim* — e *im* pela casa dentro. — Não tinha medo, disse o doente a amigo, esse cachorrinho nunca morde.

— Bem vejo que assim é. Eu tambem nunca bati em cão nenhum...

Um marido poz o seguinte epitaphio, no sepulcro de sua cara metade:

Aqui, jaz e jaz bem:

Descança ella... e eu tambem.

Perguntado um poeta, porque andariam os velhos com a cabeça baixa, olhando para o chão, respondeu graciosamente: *Baixão onde enterrar-se.*

Dr. M. P. S. T.

Pedido de casamento

E' uma cerimonia que está ainda sujeita á praxe exquisita.

Assim entre os indigenas da Africa austral, quando um jovem deseja casar-se, levanta-se ao romper do dia, e vai ao lugar onde o pae tem o gado preso e não todo em liberdade.

Os paes logo comprehendem e mandam um mensageiro e uma vacca ao pae da filha de seu filho.

Os mensageiros na la dizem, mas os paes da noiva advinham.

Se aceitam a proposta cantam com gauda o corpo do mensageiro, se não aceitam, o diplomata retira-se levando a vacca que é sua desde essa data.

Quando o casamento se contracta, o negociador corre á casa dos paes da noiva e estes preparam logo os presentes destinados a serem offerecidos á futura nora.

E' um dos actos mais solennes e os ritos são esmeradamente observados.

OBSERVATORIO METEOROLOGICO "D. BOSCO"

Dependente do Lyceu Salesiano de Artes e officios

Em Cuiabá, Estado de Matto-Grosso. Director Padre Dr.
F. de Aquino Corrêa e Secretario Sylvio MilaneseALTITUDE DA LOCALIDADE: 235^m 02, LATITUDE 15° 35' 48" LONGITUDE: 12° 50' 7"
(Occ. do Rio)

N. de Observações por dia às 7 a. m. às 2 e 9 p. m. hora local

TABELLA I

Janeiro 1913	PRESS. BAROMETRICA reduzida a 0° 700				EXTRE- MOS da tem- perat. 9 p.		THERMOMETRO secco				THERMOMETRO humido			
	7 a.	2 p.	9 p.	Med.	Max.	Min.	7 a.	2 p.	9 p.	Med.	7 a.	2 p.	9 p.	Med.
1	44.2	43.2	43.2	43.5	27.2	23.0	24.5	25.5	25.5	25.1	23.1	23.9	24.0	21.0
2	43.6	42.3	43.2	43.0	29.2	23.1	24.2	28.4	27.0	26.6	23.4	24.3	23.5	23.7
3	43.0	41.1	42.9	42.3	28.8	24.0	25.4	29.0	25.8	26.7	23.3	25.3	24.1	24.2
4	43.9	43.0	44.5	43.8	28.8	23.2	24.0	24.6	24.6	24.4	22.9	23.0	23.2	23.0
5	45.0	43.5	43.6	44.0	30.8	23.2	24.5	29.6	27.4	27.1	22.5	23.9	24.9	21.7
6	44.1	41.8	41.9	42.0	32.0	24.7	25.7	31.2	28.8	28.6	23.2	24.6	25.0	24.2
7	43.4	41.5	43.0	42.6	29.7	24.6	26.5	29.8	28.2	28.1	23.7	25.0	25.4	24.7
8	45.0	44.2	46.6	45.9	28.8	23.9	24.4	29.0	27.0	26.8	22.0	24.5	25.0	23.8
9	46.4	46.4	45.9	46.2	29.8	23.3	24.4	27.6	25.5	25.8	23.1	25.2	24.6	24.3
10	46.7	44.5	44.7	45.3	30.8	24.6	25.2	31.9	27.8	28.0	24.1	25.9	26.2	25.4
D. 1. ^a	44.5	43.1	43.9	43.8	29.5	23.7	24.9	28.5	27.1	26.7	23.1	24.5	24.5	23.8
11	45.0	43.8	43.2	44.0	31.8	24.6	26.2	30.6	28.2	28.3	24.8	24.9	25.2	24.9
12	45.3	45.0	44.5	44.9	24.8	23.1	24.8	24.0	24.5	24.4	22.6	22.7	23.3	22.9
13	45.0	44.0	44.2	44.4	26.8	23.2	24.2	26.8	25.5	25.5	23.0	23.8	23.9	23.5
14	44.4	41.7	42.8	42.8	27.5	23.6	24.0	26.8	25.8	25.5	23.2	24.2	24.4	23.9
15	44.0	42.2	43.7	43.3	31.3	23.2	23.8	29.8	26.4	26.6	22.6	21.8	23.8	23.7
16	44.7	42.9	43.7	43.7	31.3	23.2	25.6	30.5	26.6	27.3	23.4	24.9	22.7	23.6
17	45.2	43.5	43.7	44.1	31.4	24.2	25.4	30.6	28.2	28.0	22.9	24.4	25.4	24.2
18	44.5	43.2	45.0	44.2	30.4	24.6	25.8	28.9	25.5	26.7	23.4	25.8	23.5	24.2
19	44.6	42.5	43.6	43.6	31.5	23.0	23.8	30.0	27.4	27.0	22.4	24.9	22.3	23.2
20	44.7	42.6	44.0	43.7	30.2	24.1	25.4	30.5	26.2	27.2	22.9	25.3	23.7	23.9
D. 2. ^a	44.7	43.1	43.8	43.8	29.7	23.6	24.8	28.8	26.3	26.6	23.1	24.5	23.8	23.8
21	44.3	43.0	44.1	43.8	31.3	23.8	24.9	29.8	27.0	27.2	23.3	24.9	24.4	21.2
22	45.6	43.5	44.2	44.4	31.8	24.4	25.4	21.3	27.7	28.1	24.2	26.1	24.6	24.9
23	45.9	44.2	46.1	45.4	31.8	25.5	26.4	21.8	26.9	28.3	24.5	26.2	23.9	21.8
24	47.8	45.7	46.7	46.7	29.4	23.8	24.7	29.5	27.9	27.1	22.9	24.3	24.9	24.0
25	47.5	46.0	45.1	46.2	31.8	25.0	25.5	20.0	28.8	28.1	24.0	25.4	25.9	25.1
26	45.9	43.3	44.6	44.6	31.0	25.8	26.0	29.5	27.6	27.1	23.9	26.0	25.4	25.1
27	46.0	43.9	44.4	44.7	28.8	24.6	25.6	28.0	27.4	27.0	23.8	23.9	24.9	24.2
28	45.2	44.1	44.7	44.6	28.5	25.2	25.7	25.5	26.1	25.7	23.8	23.6	24.4	24.0
29	45.0	42.3	43.7	43.6	30.5	24.1	24.8	30.6	26.1	26.3	23.4	24.8	24.3	24.1
30	44.6	43.0	45.1	44.2	27.0	23.8	25.1	26.0	24.5	25.2	23.9	24.6	23.5	24.0
31	45.0	43.9	44.3	44.4	27.4	23.1	23.9	25.6	25.8	25.1	23.0	24.4	24.6	24.0
D. 3. ^a	45.7	43.9	43.9	44.8	29.9	24.4	25.3	28.8	26.8	26.9	23.7	24.3	24.6	24.4
Mez	44.9	43.8	43.8	44.1	29.7	23.9	25.0	28.7	26.7	26.7	23.3	24.6	24.3	24.0

Observatório meteorológico "59. Base" - Curitiba

TABELLA II

Janeiro 1913	HUMID. ABSOLUTA tensão do vapor				HUMID. RELAT. grão hygromet.				NEBULOSIDADE qualidade—quantidade, 0 a 10						
	1	2	3	4	5	6	7	8	1 a, m.	2 a, m.	3 a, m.	Média			
1	20.7	21.2	21.3	20.9	89	88	88	83.3 N	10 N	10 N	10	10			
2	20.6	20.0	19.3	19.9	90	69	73	77.3 Ns	10 K-Kn	8 SK	7	8.3			
3	19.9	21.7	21.3	22.4	83	73	88	80.6 N	8 Kn-K	9 N	10	9.0			
4	20.0	19.9	21.2	20.9	91	87	88	88.6 N	10 Kn	10 N	10	8.0			
5	19.0	17.5	21.8	19.4	83	69	81	74.6 Ss	2 S	7 —	0	3.0			
6	19.6	18.9	21.2	19.9	80	55	72	69.0 Cs	1 K	7 —	0	2.0			
7	20.0	20.5	21.9	20.8	78	66	79	74.3 Cs	5 K-Kn	9 Kn	8	7.3			
8	18.2	20.1	22.3	20.2	80	67	84	77.0 Kn	10 K-Kn	8 Kn	10	9.3			
9	20.2	22.3	22.4	21.6	89	81	95	87.6 Kn	10 Kn	10 Kn	7	9.0			
10	21.7	21.6	24.2	22.5	91	65	87	81.0 K-Ck	9 K-Kn	7 Kn	7	7.0			
D. 1	19.9	20.3	21.6	20.8	85.4	71.1	83.1	79.8	—	7.5	—	8.3	—	6.3	7.3
11	22.4	19.9	21.8	21.3	88	62	77	75.5 K-Sn	10 K-S	9 S	8	7.6			
12	19.0	19.7	20.4	19.7	82	91	81	87.3 Ss	10 Kn	10 SK	7	8.3			
13	20.2	20.0	21.0	20.6	81	76	87	82.6 Ss	10 K-Kn	10 SK	7	9.0			
14	20.5	20.8	21.8	21.0	93	80	83	87.0 N	10 S	10 N	10	7.0			
15	19.6	21.1	20.2	19.9	90	64	79	81.3 Kn—	8 K-Kn	8 —	6	5.3			
16	20.0	19.9	18.4	19.4	82	61	74	72.3 —	0 Kn-K	8 SK	8	5.3			
17	19.1	18.7	21.9	19.2	80	56	70	74.6 —	0 K-Kn	9 —	0	3.0			
18	19.9	22.6	20.2	20.9	76	76	83	79.6 C	6 Kn	10 N	10	8.6			
19	19.2	20.2	16.8	18.7	88	64	82	74.3 K	8 S	8 Kn	10	8.6			
20	19.3	20.7	20.3	20.1	82	64	80	75.3 Ns	10 Kn	10 N	10	10.0			
D. 1	19.9	20.2	20.2	20.0	85.6	69.1	79.9	78.9	—	7.2	—	8.2	—	5.3	7.2
21	20.2	20.2	21.0	20.4	87	65	80	77.3 Ss	9 K	5 Kn	10	8.1			
22	21.6	21.8	21.1	21.3	90	61	76	76.3 Cs	9 Kn	9 N	10	9.3			
23	21.6	21.8	20.1	20.7	85	62	76	74.3 Ns	9 N-K	9 N	10	9.3			
24	20.3	19.3	21.9	20.3	85	63	81	76.3 Kn	10 Ks	8 Ss	8	8.6			
25	21.3	21.2	22.6	21.7	88	67	74	73.3 Ss	10 Ss	8 —	7	6.3			
26	20.6	22.8	22.6	22.0	82	75	80	81.0 C	4 Kn	10 Kn	11	5.0			
27	20.7	18.5	21.9	20.3	85	69	81	78.3 N	10 SK	10 Ss	8	8.6			
28	20.7	21.0	21.7	21.1	85	67	87	85.3 SK	10 N	10 Ss	9	7.6			
29	21.5	20.9	21.4	21.2	88	68	85	78.6 S	10 K-Kn	8 N	10	8.6			
30	21.2	22.1	20.8	21.3	90	88	91	89.6 Kn	10 K-Kn	9 N	10	9.0			
31	20.3	21.9	21.9	21.3	92	90	90	90.6 Cs-Kn	8 Kn	10 Ss	10	8.1			
D. 3	20.9	20.0	21.5	21.1	87.0	72.1	82.2	80.3	—	8.0	—	8.2	—	7.1	8.2
Mar	20.2	20.1	21.1	20.6	86.0	70.8	81.7	79.7	—	7.9	—	8.7	—	6.2	7.7

Observatório meteorológico "D. Bosco" — Curitiba
TABELLA III

Janeiro 1913	VENTOS									CHUVA		EVAPORAÇÃO às 7 hs	HORAS de insolação	
	Direcção—Força---Velocidade metros por segundo									às 7 am.				
	Direc.	Força	Vel.	Direc.	Força	Vel.	Direc.	Força	Vel. média 24 hs	Alt.	Dur.			
1	N	3	4.4	SW	2	2.1	C	0	0.0	1.626	8.6	3.45	2.6	0.0
2	C	0	0.0	S	2	3.3	S	1	1.5	0.610	10.1	4.00	1.2	3.7
3	S	1	1.4	E	1	1.3	C	0	0.0	0.415	—	—	2.4	2.0
4	NE	2	2.8	N	1	1.5	E	1	1.8	0.573	9.7	7.25	1.6	0.0
5	N	2	3.7	SE	1	1.5	C	0	0.0	0.454	6.8	2.25	0.8	11.2
6	N	2	3.8	NW	2	3.0	N	1	1.8	0.798	—	—	2.4	10.7
7	N	3	4.1	N	2	3.5	N	1	1.9	0.895	—	—	3.3	3.2
8	NE	1	1.4	S	1	1.3	C	0	0.0	0.336	11.7	1.00	2.3	1.4
9	C	0	0.0	C	0	0.0	E	1	1.9	0.278	29.2	7.20	1.9	0.0
10	C	0	0.0	NW	2	3.8	C	0	0.0	0.374	—	—	1.5	5.9
D. 1ª	—	1.4	1.1	—	1.4	2.1	—	0.5	0.8	0.635	76.1	26.55	20.0	37.5
11	N	2	2.3	NW	2	3.6	E	1	1.8	0.327	—	—	2.3	5.5
12	NN	3	4.0	E	1	1.3	C	0	0.0	1.228	0.3	0.10	2.6	0.0
13	NN	2	2.0	NW	2	3.0	NE	1	1.4	0.745	24.0	4.40	0.0	0.0
14	N	2	2.0	W	2	3.8	N	1	1.9	0.659	25.0	3.30	1.0	2.5
15	N	3	4.4	N	2	2.8	N	1	1.3	0.886	9.7	1.20	1.3	7.6
16	NN	3	5.8	N	3	5.3	NE	1	1.8	1.113	—	—	2.5	9.5
17	N	2	3.3	NW	3	5.3	C	0	0.0	0.806	—	—	3.1	10.1
18	N	1	1.8	NE	2	2.0	E	1	1.8	0.604	—	—	2.0	6.3
19	N	2	2.3	N	2	2.9	N	3	5.6	0.639	11.2	—	0.9	8.8
20	NW	2	3.1	NW	1	1.8	SE	1	1.3	0.617	—	2.00	2.6	3.5
D. 2ª	—	2.2	3.1	—	2.0	3.1	—	1.0	1.6	0.568	70.2	11.40	18.3	53.8
21	C	0	0.0	W	2	2.0	C	0	0.0	0.272	0.3	0.05	2.1	4.3
22	E	1	1.3	NW	2	2.5	SW	1	1.3	0.300	0.3	0.10	2.0	6.4
23	C	0	0.0	SE	2	2.2	SE	1	1.8	0.386	0.7	—	2.1	7.0
24	NW	2	3.5	NE	1	1.3	C	0	0.0	0.386	1.7	0.8	2.9	1.2
25	W	1	1.5	NE	1	1.3	C	0	0.0	0.323	—	—	1.9	6.6
26	E	1	1.0	SE	2	3.4	C	0	0.0	0.410	—	—	2.2	5.4
27	N	2	2.9	W	3	3.8	NE	1	1.3	0.620	3.0	0.12	2.8	0.0
28	NN	3	4.4	W	2	2.7	N	1	1.4	1.331	0.6	0.35	1.2	0.0
29	N	2	2.1	W	2	3.7	N	1	1.4	0.659	3.0	1.30	1.5	3.0
30	C	0	0.0	N	1	1.0	NW	2	2.0	0.575	38.4	9.00	1.8	0.8
31	N	1	1.4	NW	3	3.1	C	0	0.0	0.363	86.1	12.00	0.5	2.0
D. 3ª	—	1.1	1.6	—	1.9	2.5	—	0.6	0.8	0.512	133.7	23.35	21.0	36.7
Mez	—	1.5	2.2	—	1.7	2.5	—	0.7	1.0	0.571	280.0	60.55	59.3	128.0

Observatório meteorológico "D. Bosco" -- Cuyabá.

TABELLA IV

FREQUENCIA DOS VENTOS durante o mez de Janeiro						
Ventos	7 a.	2 p.	9 p.	Sommas		
N	17	6	7	30	Pressão media mensal	744.8
NE	2	3	3	8	" Extrema maxima dia 21	47.8
E	2	2	4	8	" " Minima dia 3	41.1
SE	0	3	2	5	Temperatura mensal ao abrigo	26.7
S	1	2	1	4	Extrema Maxima dia 6	32.0
SW	0	1	1	2	" Minima dia 1-19	23.0
W	0	5	6	5	Tensão mensal do vapor da agua	20.6
NW	2	8	1	11	Maxima tensão — dia 26	22.8
Calma	6	1	12	19	Minima " — dia 5	17.5
Somma	31	31	31	93	Humidade relativa mensal	79.7
Classificação das nuvens observadas durante o mez					Extrema maxima — dia 9-14	93.0
qualid.	7 a.	2 p.	9 p.	Sommas	" minima — dia 6	55.0
C	2	0	0	2	Nuvens -- Formas predominantes	Ko N
C.S	4	0	0	4	Quantidade media	7.5
C.K	3	1	1	5	Dias claros (0-3)	3
A.C	0	0	0	0	Nublados (4-8)	18
A.S	1	1	0	2	Encobertos (9 e 10)	10
SK	2	0	4	6	Horas de Sol durante o mez	128.0
K	1	4	2	7	Total de chuva cahida	28 ^{mm} /m0
N	5	3	8	16	Altura maxima em 24 horas dia 31	86 ^{mm} /m1
K.N	3	18	7	28	Evaporação total ao abrigo	59 ^{mm} /m3
S	0	0	0	0	Maior evaporação, dia 7	3 ^{mm} /m3
Claros	2	0	5	7	Menor " dia 31	0 ^{mm} /m5
Nº de dias de:					Media mensal da velocidade do vento em	0.571
Chuvias	20				por segundos metros	23
Trovoadas	12				Chuvas afastadas	
Relampagos	20				Foram observadas durante o mez, e a distancias favoraveis ao Estado, as seguintes chuvas: 5 N; 2 NE; 3 E; 3 NW (sendo de qualidade ciclônica a do dia 13); 2 W; 3 SW; 1 S, e 4 SE: total 23 quedas bem proveitosas a agricultura e a navegação.	
Tempestade	2				Contão-se a 20 as recolhidas na Estação, salientando-se a do dia 31, que precipitou-se torrencialmente por 2 horas seguidas, continuando mais calma pelo espaço de 10 hs seguidas.	
Arco-iris	4				As vasantes foram consideraveis, tendo havido fortes impedimentos nas tramitações commerciaes nas linhas do E e do W. Dignas de especial observação foram as trajetórias dos ventos com relação ao curso da nebulosidade, que determinaram consideraveis anomalias na pressão barométrica, e violentas perturbações magneticas.	
Orvalho	10					
Nevoeiros	1					
Halo lunar	3					
Coroa lunar	—					
Paraselenicos lunares	1					

Estação Meteorológica de Corumbá

Ençarregado P. José M. Thannhuber, Auxíliar P. Clemente Dorozewski

Longitude W Greenwich 57° 39' 16" 50"
 Latitude 19° 00' 00" 72"
 Altitude acima do Mar 154^m, 85

Resultado em Decadas das observações Meteorologicas effectuadas no mez de
 Novembro e Dezembro.

1912	Decadas	PRESSÃO BAROMÉTRICA A 0 ^m			TEMP. EXTREMA		TERMOMETRO SECCO			TERMOMETRO MOLHADO			HUMIDADE ABSOLUTA		
		7 a.m.	9 p.m.	Media	9 p.m.		7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media
					Max.	Min.									
Novembro	1. ^a	749.5	748.5	748.9	30.6	22.3	24.3	25.1	24.7	22.1	22.8	22.5	18.5	19.3	18.9
	2. ^a	749.3	747.8	748.5	30.9	21.2	23.9	24.8	24.0	21.7	22.9	22.3	18.4	19.6	19.0
	3. ^a	748.8	748.2	748.5	29.9	20.7	23.7	23.4	23.6	22.3	22.0	22.2	19.2	18.9	19.0
	Mez	749.2	748.2	748.9	30.5	21.4	23.7	24.4	24.2	22.0	22.6	22.3	18.7	19.3	19.0
Dezembro	1. ^a	748.0	743.7	747.8	31.3	21.0	23.8	24.7	24.3	22.2	27.6	22.4	19.1	19.1	19.1
	2. ^a	749.3	748.6	748.8	31.4	22.0	24.8	24.4	24.6	23.3	21.2	23.3	20.4	20.5	20.5
	3. ^a	748.2	747.2	747.7	32.0	22.7	25.0	25.3	25.2	23.6	23.6	23.6	20.7	20.7	20.7
	Mez	748.5	747.7	748.1	31.6	21.9	24.52	24.8	24.7	23.0	23.1	23.1	20.2	20.1	20.1
		HUMIDADE RELATIVA			NEBULOSIDADE			VENTOS por segundo		CHUVA m/m	FENOMENOS DIVERSOS				
		7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.						
Novembro	1. ^a	81.4	82.0	81.7	9.8	5.7	7.8	z	0.9	SE	1.2	89.9	Novembro— Dias encobertos 19 sendo todos de chuva, dominando calmarias— Max. extr. 35.2 o dia 11, e Min. extr. 18.2 o dia 13. Dezembro— Dias claros 9; de chuva 17; orvalho 26; nevoeiros 4; relampago 2; alto lunar 2; arco iris 1; Max. extr. 34.5, o dia 13; Min. extr. 18.2, o dia 1—		
	2. ^a	87.0	84.9	86.0	7.6	5.0	6.3	z	1.1	E	0.3	105.4			
	3. ^a	87.9	88.0	88.0	8.2	7.5	7.9	z	0.5	z	1.5	140.4			
	Mez	85.4	85.0	85.2	8.5	6.1	7.9	—	0.8	—	1.0	286.1			
Dezembro	1. ^a	86.2	82.5	84.4	8.0	3.0	5.5	C	0.7	8	0.6	78.2			
	2. ^a	88.0	90.5	89.3	8.5	6.2	7.4	C	0.2	C	0.0	100.8			
	3. ^a	87.5	86.2	86.9	6.7	4.5	5.6	C	0.1	C	0.2	53.9			
	Mez	87.2	86.4	86.8	7.7	4.6	6.2	—	0.3	—	0.3	232.9			

Expediente: A assignatura ANNUAL
para a Capital, da
REVISTA MATTO-GROSSO, é de 10\$000
pagos ADEANTADAMENTE ou NO PRIMEIRO TRIMESTRE
do recebimento da REVISTA. E, para fóra da
Capital, é de 12\$000.

Assignaturas mensaes—1\$000.

A importancia, da assignatura deve ser
enviada directamente á REDACÇÃO em *vales pos-
taes* ou *carta registrada com valor declarado.*

Toda a correspondencia deverá ser dirigida á

Redacção da

Revista Matto-Grosso

Lycen Salesiano de Artes e Officios

(Estado de Matto-Grosso)

CUIABÁ

Escolas Profissionais Salesianas—Cuiabá.